

Para FH, denúncias são requentadas

7 MAI 2002

Patrícia Cunegundes
de Brasília

Apesar de classificar as denúncias que envolvem o ex-diretor do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio de Oliveira, como "requentadas", o presidente Fernando Henrique Cardoso é favorável à apuração do caso. Em entrevista à Rádio Eldorado, o presidente disse, no entanto, que o episódio está sendo investigado há algum tempo sem que os rumores tenham sido provados. "Naturalmente, quando chega a fase eleitoral a vontade de fazer surgir denúncias aumenta, se aguça. Nesse caso, até agora foram rumores, nada provado, nada que tivesse maior conteúdo. Acho que é mais uma. Mas sempre sou favorável que se apure e o governo não tem porque ficar aflito com estes diz-que-diz-que. Espero que isso passe com tranquilidade e havendo algo efetivo a Justiça tem que se preocupar", afirmou.

Mesmo com o tom despreocupado, procurando minimizar o impacto das denúncias, Fernando Henrique reconheceu que o caso pode atrapalhar o andamento das votações no Congresso. Ele criticou o bate-boca entre o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, e do presidente do PSDB, José Aníbal, no último fim de semana. "Não é meu estilo. Não gosto deste tipo de crítica pública, um contra o outro. O principal desaparece diante do secundário. Mas faz parte da vida, fazer o quê. Levo meu rumo e ele não passa por esses caminhos complicados", disse. Paulo Renato — que teria afirmado ainda que "alguns tucanos" teriam pedido propina na formação do consórcio que disputaria a Companhia Vale do Rio Doce — foi duramente criticado pelo presidente nacional do PSDB. Os dois trocaram farpas pelos jornais.

GAZETA MERCANTIL

Candidatos — Ainda na entrevista concedida à rádio ontem, Fernando Henrique avaliou a candidatura tucana à Presidência. Ele considera normal que o ex-ministro da Saúde, José Serra, ainda não tenha "decolado" nas pesquisas. "Isso é natural nos momentos de definição eleitoral." O presidente ironizou ainda a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva: "Isso de decolar ou não decolar é natural. Há um candidato que sempre decolou aqui que foi o Lula. Ele saiu sempre decolado e nunca aterrissou. Ganha eleição quem falar para o País. O restante é conversa fiada."

Para Fernando Henrique Cardoso, o próximo presidente eleito terá mais dificuldade para governar o País e vê com muita preocupação a questão da governabilidade, já que nenhum partido tem mais do que 20% dos votos no Congresso. "Preferi fazer o acordo com o Congresso já na eleição e, este ano, parece que os partidos vão às urnas mais fragmentados." Ele lamentou que o próximo presidente não tenha mais o mecanismo da medida provisória como aliado.

Apesar de ter sido criticado pelo uso excessivo das MPs, o presidente afirmou que só foi possível governar graças ao instrumento. "Se não tem um mecanismo que agilize o choque institucional, qualquer presidente terá dificuldade para governar", afirmou, ressaltando que o Congresso é, por natureza, lento, e que demora em média de três a quatro anos para aprovar uma lei.

"Os Estados Unidos transformaram a agenda mundial numa agenda de segurança e não numa agenda de desenvolvimento e comércio", analisou o presidente, observando que essa realidade é negativa para a América Latina. "A região não tem nenhuma transcendência em matéria de segurança. Ao mesmo tempo, porém, aquilo que interessava ao continente e ao Brasil, que era a agenda positiva — o desenvolvimento — foi deixado de lado." Segundo o presidente, no caso da Argentina, a política internacional que existe hoje é a do "lavemos as mãos".

Sobre a eleição presidencial na França e a ascensão da direita fascista em países europeus, como Áustria, Itália, Bélgica e Holanda, Fernando Henrique disse que o problema na Europa também é o da "agenda do medo", da insegurança. "Quando você entra num clima como esse, corre o risco de uma reação do tipo fascista, de direita, e o que é mais lamentável atribuindo ao outro a responsabilidade pelos próprios problemas. Qual é o outro? É o imigrante", afirmou.